

FEIRA DE SANTANA (BA) E A FORMAÇÃO DE SUBCENTROS: PLANEJADO OU ESPONTÂNEO?

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.474122504064>

Data de Submissão: 25/06/2025

Data de aceite: 01/07/2025

Alessandra Oliveira Teles

Universidade Estadual de Feira de
Santana/DCHF
Feira de Santana/BA
ORCID 0000-0001-9867-6380

FEIRA DE SANTANA (BA) AND THE FORMATION OF SUB-CENTERS: PLANNED OR SPONTANEOUS?

ABSTRACT: This study is part of the research project entitled Commerce and Consumption in the Production of Space. For this stage of the study, we established the objective of highlighting the formation of subcenters based on the actions of the municipal government. We defined the concepts of subcenter, planning and urban requalification for the theoretical basis. The methodological procedures were based on bibliographic and documentary research. As initial results, we noted the actions of the municipal government in urban planning and requalification, having as a main consequence the formation of subcenters.

KEYWORDS: Feira de Santana. Subcenters. Planning

RESUMO: Este estudo faz parte do projeto de pesquisa intitulado Comércio e Consumo na Produção do Espaço. Para esta etapa estudo estabelecemos como objetivo destacar a formação de subcentros a partir das ações do poder público municipal. Definimos os conceitos de subcentro, planejamento e requalificação urbana para a fundamentação teórica. Os procedimentos metodológicos tiveram como base a pesquisa bibliográfica e documental. Como resultados iniciais notamos as ações do poder público municipal no planejamento e requalificação urbana tendo como consequência principal a formação de subcentros.

PALAVRAS-CHAVE: Feira de Santana. Subcentros. Planejamento

INTRODUÇÃO

Feira de Santana configura-se como relevante cidade média. Localizada a cerca de 100 quilômetros da capital, é o segundo município em população, segundo dados do censo demográfico. Situa-se na mesorregião geográfica Centro Norte Baiano e comanda sua microrregião geográfica sendo considerada uma capital regional nível B. Essa posição resulta de sua histórica localização estratégica que a transformou em relevante entroncamento rodoviário a partir do cruzamento das BRs 101, 116 e 324, no período de implantação do rodoviarismo, configurando-lhe o protagonismo regional no processo de urbanização-industrialização do país.

Ao estudar sua evolução, nota-se o quanto as ações do poder público vão atuar na sua configuração urbana, sobretudo a partir de 1950, importante marco na urbanização brasileira. Observa-se significativas mudanças no espaço da cidade com destaque para sua área central.

Numa periodização elaborada para este estudo e que será detalhada no desenvolvimento trataremos das ações do poder público municipal e as repercussões sobre o espaço urbano, principalmente os bairros que outrora tinham função residencial e passam a apresentar pontos comerciais diversos.

Nosso objetivo foi destacar a formação de subcentros a partir das ações do poder público municipal. Para este fim realizamos revisão bibliográfica sobre os conceitos de subcentros, planejamento e requalificação urbana no propósito de identificar as contribuições para a pesquisa que vem sendo realizada no projeto de pesquisa Comércio e Consumo na Produção do Espaço, com financiamento interno da UEFS e Resolução CONSEPE nº 127/2022.

Para este estudo formulamos a seguinte questão: Em Feira de Santana a formação dos subcentros ocorreram de forma planejada ou espontânea? Para responder, organizamos os procedimentos metodológicos de forma que consultamos o site da Prefeitura Municipal de Feira de Santana (PMFS) com o propósito de coletar informações sobre programas e projetos historicamente realizadas e ações atuais que deram a base para a construção do atual perfil dos subcentros presentes na cidade. Também consultamos a biblioteca setorial de UEFS localizada no Museu Casa do Sertão, no seu acervo de jornais analisamos as reportagens divulgadas entre os anos de 1976 e 1998 que tratam da movimentação da cidade, decisões políticas e os acontecimentos nas diversas escalas geográficas.

O período analisado neste estudo é formado pelo intervalo 1960-2000 e 2000-2020, considerando os principais fatos que marcam o cenário global, nacional e local, uma vez que percebemos ser nessas escalas as situações que mais marcam a realidade urbana de Feira de Santana.

SUBCENTRO, PLANEJAMENTO URBANO E REQUALIFICAÇÃO URBANA

A rede urbana brasileira, nos seus diferentes pontos, apresenta uma intensa transformação no que diz respeito ao comércio e consumo. É possível notar uma ligeira expansão, distinção e aprimoramento na aquisição de bens e serviços, o que antes só era visto e passível de aquisição em metrópoles, grandes aglomerações urbanas ou áreas centrais de cidades específicas. Segundo Melazzo (2012, p. 205) “A difusão do comércio e serviços especializados responderia assim, não apenas aos determinantes mais recentes das macro transformações do capitalismo que privilegiam o consumo, sua ampliação e seus espaços específicos, mas também a particulares condições locais”. A indústria fortalece a economia local, enquanto a cidade se destaca como um centro de consumo regional, reforçando sua importância na rede urbana. No entendimento do autor essa relação de comércio e consumo com determinados espaços podem ser analisados a partir da posição de cada centro dentro da hierarquia urbana.

Segundo Melazzo e no estudo elaborado pelo IBGE, Regiões de Influência das Cidades, Feira de Santana está classificada como capital regional B, nessa hierarquia tem apenas Salvador (metrópole) no nível superior regional, e sob sua influência estão dois centros de zona A (Conceição do Coité e Serrinha) e dois centros de zona B (Riachão do Jacuípe e Valente) e 42 centros locais, o que demonstra sua centralidade perante outros municípios do estado baiano.

Ao mesmo tempo, consolida-se como uma das cidades brasileiras incluídas no circuito de produção e comercialização desde o nível local até o internacional. Este comércio promove novos papéis na divisão territorial do trabalho, em particular numa escala intraurbana conduzindo a relevantes transformações espaciais.

O fluxo relacionado a estrutura local é voltado para as atividades comerciais que repercutem na dinâmica territorial, mesmo com suas particularidades, resultantes de fatores espaciais e temporais, carregam uma herança cultural, frequentemente observada em centros urbanos de pequeno e médio porte.

Feira de Santana configurou-se até o início da década de 2000 como uma cidade com uma estrutura monocêntrica, as atividades de comércio e serviços prevaleciam no que conhecemos como área central, como define Corrêa (1993, p. 38) “Nela concentram-se as principais atividades comerciais, de serviços de gestão pública e privada, e os terminais de transportes inter-regionais e intraurbanos.”

Nota-se que esse cenário se transforma e diferentes contextos modificam a cidade e uma série de complexidades contribuem para um processo de desconcentração e formação de subcentros. Assim como outros conceitos, a definição de subcentro passa por uma periodização e assume diferentes posições quando considerado o intervalo analisado. Num estudo sobre o conceito Ferreira (2023) faz uma revisão de literatura e considera as mudanças que as cidades passam, para esta discussão, acreditamos que a melhor definição para subcentro é tratada pela autora, na página 23, quando escreve:

os subcentros não constituem miniaturas do centro da cidade, mas novas formas espaciais de comércio, formadas a partir de adensamento de residências em novas parcelas do tecido urbano e de barreiras de vários tipos, sendo representativas de expressiva diversidade funcional e tendências à segmentação socioespacial.

Um subcentro é definido pela presença de atividades que atribuem características de centralidade ao espaço urbano. Certos empreendimentos, devido ao seu tamanho, conferem à área de influência traços de centralidade, atraindo atividades e modificando padrões de uso e ocupação do solo, formando um subcentro. Segundo Villaça (1998, p. 54) “O subcentro consiste, portanto, numa réplica em tamanho menor do centro principal, com o qual concorre em parte sem, entretanto, a ele se igualar. Atende aos mesmos requisitos, apenas para uma parte da cidade, e o centro da cidade cumpre-os para toda a cidade”.

A urbanização brasileira mostrou cidades que passaram a enfrentar crescentes e constantes desafios. O poder público tem criado propostas e ações de intervenção, além de iniciativas de planejamento urbano, visando melhorar o uso do espaço pela sociedade. Moura et al (2006) afirmam que a requalificação urbana visa melhorar a qualidade de vida, construir e recuperar infraestrutura, e valorizar social e economicamente o espaço.

Ainda assim, há uma grande preocupação por parte de muitos pesquisadores sobre os rumos das cidades brasileiras, percebe-se que a Constituição Brasileira de 1988 trouxe muitos elementos que democratizariam a nação e contariam com a participação popular, no caso da organização das cidades isso estava claro com a Lei 10.257, de 10 de julho de 2001, denominada Estatuto da Cidade. As diretrizes da política urbana nela constantes pleiteavam uma cidade mais democrática, inclusive com a participação popular na tomada de decisões, nesses 24 anos o que vemos é o engavetamento da Lei pela maioria ampla dos prefeitos que deveriam colocá-la em prática, ou o que popularmente se diria “são feitas vistas grossas” para o Estatuto.

Segundo Gradin (2012, p. 32) “Percebe-se que na maioria das vezes o planejamento das cidades não tem cumprido o seu papel, tanto de caráter físico-territorial ou na tipologia de planejamento estratégico, sendo a mercadológica a mais difundida”. Na economia capitalista, a cidade é o espaço privilegiado para reunir meios de produção, circulação e realização, em contrapartida subjuga a mão-de-obra, as relações sociais e a necessidade de (re)produção. Para o espaço urbano, cria utilidades diferenciadas além de estabelecer uma visível segregação de classes.

O conceito de reestruturação permite a compreensão das transformações causadas pelas dinâmicas dos processos espaciais, contribuindo para identificar momentos em que estruturas estabelecidas são desmontadas e passam a operar de maneira diferente ou cessam suas operações anteriores, ainda que preservem formas antigas e não anulam funções anteriores. Essa é a produção do espaço urbano no contexto da estrutura capitalista. De acordo com Soja (1993, p. 193), a reestruturação começa quando há uma

descontinuidade nos processos existentes e resultando em mudanças: “A reestruturação, em seu sentido mais amplo, transmite uma noção de ‘freada’, senão de uma ruptura nas tendências seculares, e de uma mudança em direção a uma ordem e uma configuração significativamente diferentes da vida social, econômica e política”.

Como será discutido nos item seguinte o não-planejamento identificado em certas partes da cidade e seu suposto crescimento espontâneo demonstra que na verdade ele é mais resultado de um planejamento do que da espontaneidade em si, muitas vezes a falta de planejamento já o é.

SUBCENTROS EM FEIRA DE SANTANA: PLANEJADOS OU ESPONTÂNEOS?

No texto, A Rede Urbana do Recôncavo, Santos (1998, p 84) destaca a posição estratégica alcançada por Feira de Santana, um dos fatores que contribuíram para isso foi a implantação do rodoviarismo “A rede rodoviária, instalada sob os auspícios de necessidades extra-regionais, como a estrada BR-5, que leva à zona do cacau e posteriormente a estrada Rio-Bahia, foi um elemento importante nesse sentido.” A força proveniente das novas atividades, aliada ao tradicional comércio de gado, permitiu que Feira de Santana competisse com as estruturas consolidadas do Recôncavo, eventualmente assumindo diversas funções anteriormente desempenhadas por esses antigos núcleos.

Nesse cenário, Feira de Santana passa a exercer uma polarização associada a uma capacidade de atração regional resultante da concentração de comércio e serviços. Nota-se um comércio variado, tanto no atacado quanto no varejo, uma crescente especialização da saúde atuando num alcance regional, bem como os serviços relacionada a educação com destaque para o nível superior, seja público ou privado. Atrai pessoas de sua microrregião e de outras próximas, demonstrando como a oferta diferenciada dessas atividades colabora para o fortalecimento urbano de alguns e promove sua posição de destaque dentro da rede e pode configurar uma rede urbana. Com as atividades concentradas na sua área central, por muito tempo essa foi a configuração espacial que prevaleceu na cidade.

A atividade comercial atua consideravelmente na organização espacial, a ação dos agentes promotores é complexa e variada de acordo a especialidade e temporalidade analisada, refletido a dinâmica social considerada. Segundo Corrêa (1993, p. 36) “A grande cidade capitalista é o lugar privilegiado de ocorrência de uma série de processos sociais, entre os quais a acumulação de capital e a reprodução social tem importância básica”.

Pensando o comércio como atividade que reflete a organização espacial relacionada a circulação de pessoas e mercadorias promovendo uma configuração local, percebe-se a evolução dessa atividade nos locais onde se encontram estabelecidos.

No caso de Feira de Santana destacaremos dois intervalos: 1960-2000 e 2000-2020 para entendermos como o processo de centralidade e subcentros vão se consolidar. Entre 1960 e 2000 a área valorizada e com a melhor estrutura urbana era a apenas a área central

da cidade, com destaque para o entorno da Prefeitura Municipal (Avenidas Getúlio Vargas e Senhor dos Passos, Ruas Marechal Deodoro, Sales Barbosa e Conselheiro Franco). Nesse período, comércio e serviços estão concentrados nas ruas e avenidas anteriormente citadas, a rua Conselheiro Franco é conhecida como “a rua dos bancos”, as linhas de ônibus dos bairros convergem para esse logradouro, consumidores da cidade e de outros municípios encontram de tudo nesse espaço delimitado, tal configuração faz da área central a mais disputada e de maior valor por metro quadrado.

Os estudos sobre a cidade revelam que o poder público municipal trabalha para que essa realidade ganhe outros direcionamentos. Em meados da década de 1960, o discurso de modernização torna-se mais forte. Freitas (1998), Cruz (1999) e Santos (2016) destacam, em suas respectivas pesquisas, a atuação da prefeitura municipal alinhada ao projeto de modernização nacional, no qual o planejamento urbano das cidades com ações de requalificação urbana são os elementos centrais para uma cidade do futuro.

Esse centro torna-se mais elitizado e concentrado, promovendo uma retirada dos trabalhadores informais para espaços fora da delimitação das ruas anteriormente citadas, em espaços menos valorizados ou para os bairros residenciais como podemos citar Cidade Nova, Estação Nova, Tomba, Sobradinho-Jardim Cruzeiro num primeiro momento.

Ainda não falamos em subcentros, pois será com a chegada desses feirantes deslocados do centro da cidade nesses bairros que associada a concentração populacional e a distância da área central tem início uma relação de comércio e consumo, pois além da feira pequenos estabelecimentos surgem para suprir necessidades básicas (pequenos mercados, farmácias, açougues etc.).

O poder público municipal trabalhou no sentido de alinhar-se a um modelo de reestruturação produtiva voltada a industrialização-urbanização. Desse modo, incorporou um discurso de requalificação urbana.

O foco do planejamento urbano municipal foi a área central da cidade. Ao analisar os jornais da época nota-se que era o espaço mais valorizado, tanto quando considerado o metro quadrado quanto considerada a preocupação do poder público em ordenar e planejar. Nela encontrava-se a melhor estrutura urbana, planejamento e implantação dos equipamentos que seriam utilizados pela população, abertura e requalificação de vias, limpeza e iluminação, dentre outros elementos. Nessa área estavam concentrados comércio e serviços, tanto formal, representado pelos lojistas quanto o informal, feirantes e outros comerciantes que usavam a rua para trabalhar. Com a evolução e as mudanças nos cenários internacional e nacional, as repercussões ocorrem na mudança de discurso considerando as estruturas que então se colocam. As falas relacionadas a modernidade ganharão muita força na década de 1970 e mostrará que o poder público promoverá condições para que essa área central se torne um espaço elitizado.

O final da década de 1970 merece destaque devido ser o período no qual o discurso relacionado a modernidade é intenso. Com as repercussões do processo de reestruturação produtiva pós-guerras mundiais, numa escala global, teremos no Brasil um processo intenso de industrialização-urbanização associado ao discurso higienista. O discurso de modernidade se intensifica para promover uma requalificação do centro da cidade, porém o que se nota com os desdobramentos e a elaboração do Projeto Cabana é que a retirada da feira visou organizar o centro para a elite, pois naquele discurso, a retirada da feira para um local supostamente adequado (Centro de Abastecimento) contribuiu para a formação dos primeiros subcentros. Os primeiros pontos de aglomeração/comercialização que vão resultar nas atuais feiras dos bairros Cidade Nova, Estação Nova (Ponto Central) e Tomba surgem dos feirantes que não tiveram oportunidade de serem contemplados com ponto de venda no Centro de Abastecimento, o mesmo ocorrendo com os bairros Sobradinho e Santo Antonio dos Prazeres que começam a apresentar um pequeno comércio local para atender seus moradores.

No intervalo seguinte, 2000-2020, essa área central já não é tão frequentada pela população local, unidades de comércio e serviços se espalharam pelos bairros. As densidades populacionais em bairros como os citados acima e mais recente, Conceição, Mangabeira, Santo Antonio, SIM e Santa Mônica, locais onde estão presentes expressivos contingentes populacionais que percebem a possibilidade de encontrar produtos e serviços com menores deslocamentos em relação a sua residência.

b) 2000 a 2020 – novas estruturas passam a configurar o cenário em diversas escalas, novamente elementos de interesse nacional vão repercutir localmente, uma nova reestruturação produtiva ocorrerá. Nesse período, a cidade tem seu processo de expansão urbana intensificado a ponto de ultrapassar os limites outrora definidos como espaço urbano da cidade (o anel de contorno) promovendo novas lógicas de comércio e consumo.

De tal modo, podemos analisar duas realidades, o estabelecimento do Shopping Boulevard, na avenida João Durval Carneiro, além de trazer novas estruturas de comércio promoveu uma intensa requalificação de sua vizinhança. Nesse período, novos subcentros surgem, como podemos citar a avenida Fraga Maia, a avenida Artêmia Pires e o bairro Santa Mônica. Estes vão se consolidar como importantes e dinâmicos espaço de comércio e serviços além da confirmação e expansão dos primeiros subcentros.

Os que se diferenciam nessa nova organização são os bairros Santa Mônica e SIM (Avenida Artêmia Pires), nota-se uma estrutura que se voltará para atender uma classe diferenciada, haja vista os tipos de equipamentos e a organização dos bairros, com presença de centros de saúde, escolas de alto padrão, academias, mercados, boutiques e afins para uma clientela seleta, exigente e que deseja se diferenciar dos demais.

Nesse contexto faz-se necessário destacar o papel do poder público municipal, sobretudo a Prefeitura Municipal de Feira de Santana (PMFS) nessa organização espacial através de três projetos marcantes de requalificação urbana no centro da cidade, são eles:

Projeto Cabana, na década de 1970, visou organizar o centro da cidade com a retirada da feira livre do cruzamento das avenidas Getúlio Vargas com a Senhor dos Passos relocando para o Centro de Abastecimento.

O Feiraguay, em 1990, apesar de não ter criado um projeto formal, atuou para a criação de um espaço de comercialização para os trabalhos que comercializavam os produtos made in China, espaço este que se tornou referência regional para a comercialização desse tipo de produto.

Em 2013, o Projeto Novo Centro, com a finalidade de requalificar o centro da cidade e permitir o acesso ao calçadão por parte de pedestres e uma melhor mobilidade criou o Centro Comercial Popular, conhecido entre a população como Shopping Popular, assim como o Centro de Abastecimento à época esse novo espaço não contemplou o número de trabalhadores que estavam nas ruas, houve um grande embate entre a PMFS e os trabalhadores, que tinham outro projeto para requalificação da área e não foi aceito pelo poder público.

Após uma série de conflitos e disputas a PMFS retirou as barracas das áreas sinalizadas e requalificou a via reformando o piso, colocando nova iluminação e novos equipamentos como bancos e estruturas de metal para impedir a circulação de carros na rua Sales Barbosa e reduzindo o espaço de circulação de carros e ampliando o espaço para pedestres na avenida Senhor dos Passos e rua Conselheiro Franco. Quanto aos comerciantes informais que foram retirados das ruas como citado acima, muito poucos foram para o Shopping Popular, um certo número alugaram pontos próximos aos seus antigos espaços, outros migraram para seus bairros de residência reforçando o comércio que já existia e alguns mudaram de atividade.

CONCLUSÕES

Os subcentros ganham força na estrutura urbana da cidade, com os projetos de requalificação propostos pelo poder público municipal muitos trabalhadores, sobretudo feirantes, migraram para bairros fora da área central, essa ação voltada principalmente para promover a sobrevivência desses sujeitos teve como consequência a expansão urbana da cidade.

Nota-se um paradoxo entre crescimento espontâneo e planejado, ao propor o planejamento da área central aqueles que ficaram de fora buscaram outros espaços para desenvolver suas atividades e garantir a sobrevivência, com isso, novas aglomerações de comércio foram surgindo, outros estabelecimentos foram se agregando, inclusive os considerados formais, como consequência novos e dinâmicos núcleos surgiram.

A formação de subcentros em Feira de Santana configura um paradoxo, ao considerar a ação do poder público municipal é possível identificar a atuação para o planejamento urbano com fins de uma requalificação da área central. Como consequência, muitos trabalhadores que não se encaixavam no perfil proposto para essa nova estrutura migram para os bairros e contribui de forma involuntária para a formação de subcentros.

Atualmente, os subcentros representam um importante espaço para os moradores de seus bairros e regiões circunvizinhas, pois diversos tipos de comércio e serviços estão disponíveis para atendimento de suas necessidades evitando o deslocamento até a área central. A partir dessa análise pretendemos construir uma agenda para estudar cada subcentro presente no espaço urbano de Feira de Santana e os seus desdobramentos.

Nesse processo, comércio e serviços vão se instalando nos bairros populares, com a expansão dessa atividade e novos processos de produção do espaço os bairros considerados de população com maior poder aquisitivo passam a apresentar estabelecimentos para atender demandas específicas.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, R. L. **A Rede Urbana**. São Paulo: Ática, 1993.

CRUZ, R. C. **A inserção de Feira de Santana (BA) nos processos de integração produtiva e de desconcentração econômica nacional**. 1999. 333 f. Tese (Doutorado em Economia) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

FERREIRA, Heloísa Mariz. O conceito de subcentro: uma discussão a partir da geografia brasileira. In: **GeoTextos**, vol. 19, n. 1, julho 2023. p. 13-34. <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/index>

FREITAS, N. B. **Urbanização em Feira de Santana: Influência da Industrialização. 1970-1996**. 1998. 182 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

GRADIN, Renata. **Centralidade Urbana em Cidade de Porte Médio: Análise em Passo Fundo/RS**. 2012. 175 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil e Ambiental) – Faculdade de Engenharia e Arquitetura, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Regiões de Influência das Cidades (REGIC)**. Rio de Janeiro: 2008.

LEI 10.257, de 10 de julho de 2001. Estatuto da Cidade. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10257.htm Acesso: 27 maio 2025.

MELAZZO, E. S. Marília: Especialização Industrial e Diversificação do Consumo. Trajetórias de uma Cidade Média. In: SPOSITO, M. E. B.; ELIAS, D.; SOARES, B. R. **Agentes Econômicos e Reestruturação Urbana e Regional**. Chillán e Marília. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

MOURA, D.; GUERRA, I.; SEIXAS, J.; FREITAS, M. J. A revitalização urbana: contributos para a definição de um conceito operativo. **Cidades -Comunidades e Territórios**. n. 12/13, p. 15-34, dez 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FEIRA DE SANTANA. **Centro de Comércio Popular**: reuniões com camelôs serão setoriais. Disponível em: <<http://www.feiradesantana.ba.gov.br/noticias>>. Acesso em: 07 mar. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FEIRA DE SANTANA. **Projeto Cabana**. Feira de Santana, 1974.

SANTOS, C. R. **Shopping Popular Feiraguay**: Estudos sobre a Produção de um Espaço de Comércio em Feira de Santana-BA. 2016. 221 f. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016.

SANTOS, M. A Rede Urbana do Recôncavo. In: BRANDÃO, Maria Azevedo. (Org.) **Recôncavo da Bahia**: sociedade e economia de transição. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998.

TELES, A. O. **O Comércio Informal em Feira de Santana (BA)**: Permanências e Mudanças. 2017. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2017.

VIANA, Juliana Nazaré Luquez. **Rupturas e Continuidades** - A produção do espaço e o processo de reestruturação: um olhar a partir de São Gonçalo – Região Metropolitana do Rio de Janeiro. 2019. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.